



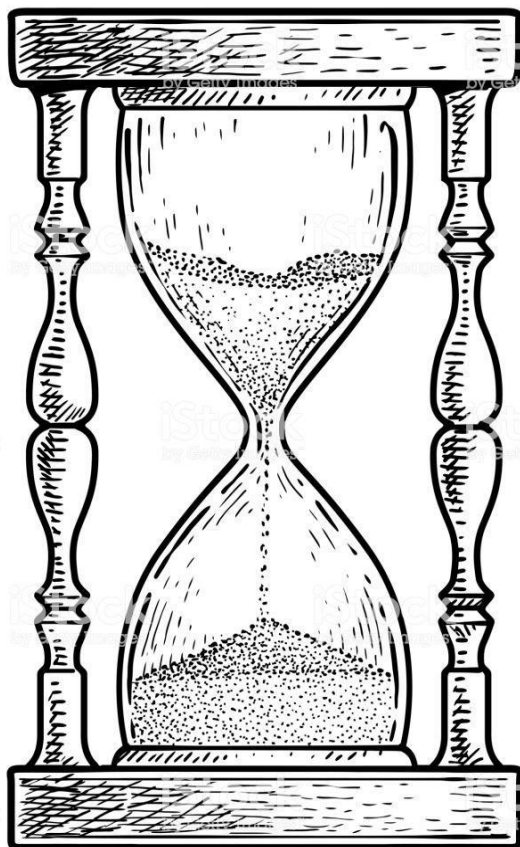
A PEDRA DE CRONOS

UNIVERSOS PARALELOS



NOVA IGUAÇU
2019

Guerra Entre os Mundos



*Dedicado a Paulo Silva de Castro, o maior homem que conheci
na vida. Obrigado por tudo, Pai!*

Prólogo

Não fazia sentido. Bruce era médico – ou quase, já que ainda não havia se formado – não era físico nem matemático, mas passou os últimos meses estudando estes assuntos junto com Ana, ainda que ela não fizesse ideia do motivo. Já havia se passado dois anos desde o retorno de Bruce a seu tempo e seu último encontro com Aeón e com o homem misterioso do colar vermelho. Sobre eles, Bruce não conseguiu descobrir muita coisa além do que já sabia, mas pesquisava feito louco todas as teorias sobre viagem no tempo que a ciência já havia concebido. Ele seguia à risca cada instrução e o passo a passo de cada cálculo, analisava todas as teorias, mas sempre esbarrava em alguma controvérsia quando comparava o que as teorias defendiam e as coisas que ele tinha vivido. Matthew resolveu seguir seu conselho e já estava no quarto período da faculdade de engenharia mecânica, então Bruce contou a ele sobre tudo o que havia lhe acontecido, tendo certo trabalho para o convencer, mas conseguindo, no fim das contas; ele sabia que precisaria de ajuda com certos cálculos e conceitos, os professores da universidade não eram tão acessíveis, por isso ele sabia que precisaria de ajuda, e o único que ele conhecia que poderia lhe ajudar era seu amigo, ainda que fosse inexperiente no assunto. Ele não conseguiu usar muitas das informações que havia trazido do futuro, das pesquisas que Hillary fez – ou faria – na outra linha do tempo; ele encontrou os outros pontos instáveis listados, apenas um deles estava sem horário; em cada um deles ele tinha a mesma sensação, mas, sem o selo, ele não poderia ativa-los. Ele não pretendia fazer novas viagens no tempo, embora Matt tenha sugerido isto. Algumas vezes, seu amigo lhe dizia para deixar tudo para lá, mas ele não conseguia simplesmente ignorar e fingir que nada aconteceu; lembrar do velho e de seu alçóz lhe perturbava a ponto de lhe tirar o sono, sem falar nos muitos sonhos e nos *déjà-vus* que tinha, a frequência entre eles só aumentava, e a intensidade também, cada vez se via nas situações mais aleatórias possíveis.

Mesmo tendo concordado em ajudar e com a condição de não fazer perguntas, Ana já estava mais do que intrigada com tudo aquilo. Seu marido dizia que aquelas pesquisas eram apenas um hobby, mas ele estava começando a passar mais tempo naquilo do que com ela e sua filha (Júlia já estava com quase dois anos). Bruce estava ficando obcecado com tudo aquilo, isso estava atrapalhando não só seu casamento, mas também seu trabalho e sua formação; já havia reprovado em algumas matérias e até corria o risco de perder o benefício que tinha para concluir seu curso...

“Cronos era o filho mais novo de Urano e Gaia, líder da primeira geração de Titãs e, por um breve período, o governante de todos os celestiais.

Ele liderou com sucesso a rebelião contra seu pai, mas logo se tornou tão tirânico quanto ele, aprisionando tanto os seus irmãos Ciclopes quanto os Hecatonquiros.

Por medo de uma maldição de seu pai, que lhe anunciou que alguém tomaria seu poder assim como ele fizera, Cronos engoliu todos os seus filhos, exceto o último, Zeus, o qual libertou seus irmãos e iniciou uma batalha de deuses e Titãs conhecida como Titanomaquia.

Por fim, foi derrotado pelo exército de seu filho e trancado no Tártaro, jurando iniciar um ciclo até sua vingança...”

Bruce já havia lido aquele trecho do papiro que encontrara há um ano em um leilão na internet pelo menos umas cem vezes; aquela era mais uma das muitas versões da história do Titã Cronos, senhor do tempo, segundo a mitologia grega. Em todas aquelas pesquisas, ele notou que haviam variações nos detalhes das histórias de acordo com as regiões onde a tradição era contada; haviam versões que diziam que os Titãs foram presos no Tártaro, outras que todos foram mortos durante a batalha contra os deuses, tendo sido Cronos o primeiro a morrer, ainda antes da guerra. Ele não tirou férias naqueles dois anos; seus fins de semana e feriados eram todos gastos em pesquisas, fosse com Matt, às vezes com Ana, mas principalmente sozinho. Bruce tornou isso sua prioridade, acima até mesmo de sua faculdade.

Aquela era uma quarta-feira como outra qualquer, a não ser por um detalhe: era a véspera do “aniversário” de dois anos da viagem de Bruce ao futuro; no ano anterior, ele passou toda a madrugada acordando com pesadelos, e todo o dia tendo déjà-vus; se via preso em tiroteios, dirigindo uma caminhonete desgovernada, na cama com quatro mulheres, saltando de paraquedas, atirando em alguém, surfando, uma vez se viu sendo morto pelo homem do colar vermelho em uma formatura, ou tinha visões de seu próprio passado. Bruce já se preparava para provavelmente passar por tudo aquilo novamente, talvez até pior...

Ao sair do trabalho, ele resolveu não ir para a faculdade naquele dia; nos dias anteriores ele até foi, mas sua mente estava há quilômetros de distância dali; ele resolveu ir para casa. Chegando lá, Bruce entrou pela porta dos fundos, que vinha da garagem, e subiu, sem sequer falar com Ana, que estava na cozinha mexendo uma panela com Júlia no colo; ela havia chegado cerca de uma hora antes, foi buscar a menina na casa de sua mãe depois foram para casa. Ana acabou largando a faculdade de medicina e pretendia começar a cursar odontologia quando Júlia completasse três anos; àquela altura, trabalhava no setor administrativo de uma construtora, a mesma onde Lílian trabalhava. Aquele comportamento de Bruce já havia se tornado uma rotina, mas nunca deixava de incomodá-la. Em seu quarto, Bruce jogou sua mochila em um canto, foi até o banheiro enquanto abria os botões de sua camisa social e abriu o armário do espelho para pegar um calmante e tomar. Ele abriu o frasco, jogou duas cápsulas na boca e abaixou para pegar um punhado de água na bica para engolir o medicamento. Quando levantou o rosto para engolir e fechou o armário, viu seu reflexo com uma cicatriz no olho esquerdo e um corte enorme no supercílio, que sangrava muito. Ele tomou um susto e bateu bruscamente o espelho, o rachando de cima a baixo. Quando olhou direito, seu reflexo estava normal novamente, e Ana estava de pé na porta do banheiro, olhando para ele com os braços cruzados, muito séria, porém não parecia tão assustada. “Já é o sexto com esse... Devia virar sócio de uma loja de espelhos,

economizaríamos alguns trocados...” disse ela, pegando um pedaço de papel higiênico e embrulhando a mão de Bruce, que havia se cortado sem nem notar. Ele apenas ficou em silêncio, desviando o olhar dos olhos dela, o suor ainda brotava em sua testa. “Vai finalmente me dizer o que você tem? Ano passado foi a mesma coisa, neste mesmo dia...” Ele finalmente olhou para ela, um pouco surpreso. “O que, acha que eu não prestei atenção? Deve achar que também não notei que é o dia daquele teu acidente, não é?” Ele hesitou, depois respondeu. “É, não achei que você...” “Isso, Bruce Thayler, me chame de burra, sabe o quanto eu adoro quando faz isso! Bruce, pelo amor de Deus! Eu já havia desistido de falar, porque não tem adiantado, mas, cara, você está cada vez pior! Quebrando espelhos, tendo pesadelos, obcecado por essa maluquice de viagem no tempo; não trabalha direito, está quase reprovando na faculdade, agora está viciado nesses remédios! Me responda, Bruce, quando foi a última vez que você dormiu de verdade? Que apreciou uma refeição em paz? Que fizemos sexo? Que saímos para algum lugar? Que brincou com sua filha?! Quando foi que sequer falou com ela?!” Ele continuava em silêncio. Ela agora terminava de lavar a mão ensanguentada dele e a enrolava em uma toalha de rosto. Quando terminou de falar, caminhou para fora do banheiro de seu quarto até o guarda-roupas e pegou uma caixa de primeiros socorros, tirando umas gazes, uma atadura, um frasco de Mertiolate e esparadrapos. “Você concordou em não me fazer perguntas...” “Foda-se com o que concordei, Bruce! Eu não aguento mais isso! Você não abre a boca pra falar nada comigo que não seja sobre essas malditas pesquisas! Eu já estava começando a pensar que você estava ficando maluco, mas não tenho certeza de que seja exatamente isso. Mas, o pior, é que não faço ideia do que possa ser, então, você enlouquecer é a única resposta lógica que consigo imaginar! Sua filha pergunta por você todos os dias, Bruce, todos os dias! Parece que vocês não moram na mesma casa, mas você vem para cá todo dia, só que nunca está aqui! Você vivia dizendo que seu maior sonho era ser pai de uma menina, que queria ter uma família... *Pra* isso?! Tua filha mal sabe quem é você! **Eu** não sei mais quem é você!” As lágrimas já

lavavam o rosto de Ana, enquanto ela enfaixava a mão cortada de Bruce, com ambos sentados sobre a cama. Ele continuava calado enquanto ela falava; quando ela parou, ele respondeu. “Ana, você nunca entenderia...” “Então me explique, porra! Me explique o que você tem! Me explique o que você está passando! Eu sou tua mulher, cara, puta que pariu! Se você não confia em mim...” “Não é questão de confiança, Ana!” Interrompeu ele com um grito; ela se assustou, Bruce não costumava gritar com ela. No quarto ao lado, Júlia, que estava brincando no tatame, começou a chorar ao ouvir o grito do pai. Ana se levantou e foi pegá-la, enxugando as lágrimas. Bruce respirou fundo, se levantou e foi até lá, cruzou com Ana carregando sua filha no colo tentando acalmá-la, ambas ainda chorando. Quando viu o pai, Júlia chorou ainda mais, parecia ter medo dele. “Filha, desculpe o papai por ter gritado... Vem comigo...” Ele ficou mudo quando a menina soltou um grito e voltou a chorar mais intensamente, escondendo o rosto no ombro da mãe. “Era isso que eu não queria te contar, Bruce... Ela está com medo de você, e não é de hoje... Você está tão ausente que mal percebeu...” Ela terminou de falar e desceu, voltando para a cozinha e deixando Bruce parado no corredor, ainda mudo. Ele voltou para o quarto e começou a guardar as coisas que sua mulher havia usado em seus curativos. Ele agora se dava conta de que, tudo o que fazia era para proteger sua família, mas, sem se dar conta, estava se afastando dele cada vez mais. Aparentemente, Aeón ainda o controlava, ainda o atormentava, mesmo que não desse as caras há dois anos. Mais uma vez ele se olhou no espelho, notou suas olheiras enormes, cabelo e barba grandes, marcas no rosto de alguém que não dormia direito haviam meses.

§

Uma hora depois, Bruce chegou à cozinha, barba aparada, seu rosto tinha um aspecto melhor, mas dava para ver nitidamente

que ele havia chorado um bocado. Ana pareceu surpresa ao olhar para ele. Bruce parou atrás da cadeirinha onde Júlia estava sentada, Ana já havia terminado de lhe dar seu jantar e respondia sua mãe no celular enquanto a menina brincava. Ele a tirou da cadeira e a pegou no colo, ela estava calma, mas parecia que estava no colo de qualquer outra pessoa, continuava olhando e esticando a mão para sua bonequinha de crochê que ficou no apoio da cadeirinha quando seu pai a pegou. Bruce a beijou e voltou a chorar, depois pegou a boneca e foi com ela para o banheiro escovar seus dentes, em seguida para a sala, onde ficou os 40 minutos seguintes brincando com ela, até Júlia ficar com sono, ele a levar para cima e a colocar para dormir.

Chegando em seu quarto, Ana passava óleo corporal nas pernas, um hábito noturno dela. Ela havia ficado surpresa quando ele pegou sua filha na cozinha, mais ainda os ouvindo rir na sala enquanto ela lavava a louça. “Você jantou?” Perguntou ela. “Não, estou sem fome...” Ele se sentou na cama, de lado para ela, pegou um livro de Stephen Hawking que estava na cabeceira da cama e ele lia há uns dias, mas apenas o segurava e olhava para a capa. “Bruce, sobre o que eu disse...” “Eu sinto muito.” Interrompeu ele. Ela o olhou surpresa. “É sério, Ana, me desculpe. Eu sei o quanto tenho sido péssimo para você e Júlia... Eu fiquei tão obcecado em tentar proteger vocês que não pensei que isso estava nos afastando... Me perdoe, meu amor...” Ele finalmente olhou para ela e viu seus olhos verdes e confusos. “Nos proteger? Do que você...” “Eu vou te contar, contar tudo, e explicar. Só peço que você não pense que fiquei louco, quer dizer, que não aumente essa suspeita... Tudo o que vou te contar vai parecer o cúmulo do absurdo e do impossível, mas é tudo verdade. Não vou ter como te provar agora, mas preciso que confie em mim.” Ela ficou uns segundos em silêncio apenas olhando para ele, parecia o analisar enquanto colocava o frasco de óleo sobre a mesinha de cabeceira. “Está bem. Conte-me, o que diabos você tem?” Bruce respirou fundo, se levantou, foi até uma gaveta dentro do guarda-roupas deles e, dentro dela, havia um fundo falso, que Ana ficou um pouco espantada ao ver. De lá, Bruce tirou as anotações que havia trazido

do futuro, os horários de ativação dos pontos instáveis e os princípios de anotações que a Hillary da outra linha do tempo havia feito, além das poucas traduções que ele conseguiu transcrever antes de voltar. Ele pegou tudo e deu a ela. Algumas coisas não lhe eram estranhas, afinal, haviam passado os últimos dois anos fazendo pesquisas que iniciaram a partir daquelas informações, ainda que ela não tivesse a menor ideia de o que era tudo aquilo. “Ok... Mas, o que tudo isso significa, Bruce? Há coisas aqui que já vi, não dessa forma, mas já vi, você me fez pesquisar umas coisas sobre isso, só nunca me deixou saber para que... Aliás, essa letra parece ser de Hillary...” Ele a olhava nos olhos o tempo todo, sem desviar, parecia decidido a realmente contar tudo a ela, sem se importar com o que ela acharia. “Bem, há dois anos, quando tive aquele acidente e fiquei por uns minutos inconsciente, me aconteceu algo que eu sempre achei impossível... Eu... viajei para o futuro...” Ele parou de falar, não demonstrava tanta segurança agora, se ouvir falando aquilo ainda soava estranho, e o olhar aéreo e incrédulo de sua esposa também não ajudava muito... Depois de quase um minuto de silêncio, Ana disse algo. “Você não pode estar falando sério... Bruce... Você está obcecado desse jeito, ferrando tua saúde e se afastando da tua família, jogando *pro* alto tua faculdade e teu trabalho, me fazendo pesquisar física quântica, engenharia mecânica, mitologia grega, por causa de **um sonho**? De um maldito sonho?! Eu não tô acreditando...” “Você me pediu para te contar e te explicar.” Interrompeu ele. “Eu acabei de contar, posso explicar agora?” Ela ainda estava ofegante, respirou fundo depois de uns segundos, tentando manter a calma. “Bem, como eu disse antes, eu sei que isso parece delírio...” “Mais do que isso, bem mais...” interrompeu Ana. “Sim... eu sei... Enfim, não foi um sonho. Eu também achei isso no início, mas pude ter certeza que não foi um sonho...”

Bruce passou a hora seguinte contando à Ana praticamente tudo o que tinha vivido em sua viagem a 2028, não conseguindo a convencer, mesmo com a riqueza nos detalhes de sua narrativa. “Bruce, tudo bem, eu concordei em não me irritar [embora reconheça que isso é muito difícil com o que estou ouvindo], mas,

meu amor, ouça o que você está me dizendo! Então aquele velho do ônibus é algum tipo de mago do tempo que te deu um colar e te fez viajar, lutar com um demônio ou sei lá o que o outro cara era... Ouça a você mesmo, Bruce!” “E como você acha que é para mim pensar nisso tudo, Ana?! Se lembra do que houve naquele dia, no hospital, quando estávamos com 7 meses da Júlia e você passou mal?” Ela ficou calada, nunca conseguiram entender o que havia acontecido no dia em que o homem do colar vermelho atacou Bruce – pela “segunda” vez – na porta do hospital, e eles não costumavam tocar no assunto. “Eu sabia que aquilo ia acontecer, porque já havia acontecido! Se lembra de como eu estava ansioso, não se lembra? Eu saí do teu quarto para ele não ir até lá, mas, daquela vez, ele não conseguiu me matar como na *outra* linha do tempo. Naquele dia, do acidente na casa abandonada, eu menti; não fui assaltado; estava naquele estado, com a cara toda amassada, porque havia acabado de retornar, e tive uma luta com ele no dia anterior, depois de já ter ficado 4 dias em coma por causa de uma surra que ele me deu.” Ela ponderava. “Bruce, eu sei que aquele dia foi muito tenso, mas...” “Se lembra do depoimento que todas as pessoas que viram o que houve deram para a polícia? De como o sujeito simplesmente desapareceu depois de quase me esfaquear? Acha coincidência que todos tenham visto e dito à polícia exatamente a mesma coisa? Que tenham todos tido o mesmo *delírio*? Acha que foi o que, um *surto coletivo*? Podemos perguntar amanhã no hospital ao pessoal que estava naquele dia e viu tudo; ou melhor, pergunte à mamãe, pois ela também viu.” Correu por meses a história daquela briga, em que um homem quase foi esfaqueado e o agressor desapareceu no ar sem nunca mais ter sido visto novamente. Hillary não costumava falar sobre o assunto, ainda a assombrava, mas ela não negava quando era perguntada por alguém. “Ok, Bruce, digamos que eu lhe dê ao menos o benefício da dúvida... Você me disse que o velho se foi, e o homem do colar vermelho também...” “Mas ele disse que não tinha acabado.” Interrompeu ele mais uma vez. Ela continuou. “Está bem... Mesmo assim, já fazem dois anos que sequer temos notícias deles, não é?” Bruce respirou fundo. “Sim, é verdade... Eu sei onde quer chegar, Ana, mas minha preocupação não é essa.” “E

qual é então, meu Deus do céu?!” “Aquele velho filho da puta armou pra mim, Ana! Ele queria algo, e, com a minha viagem e tudo o que me aconteceu por causa do que ele me deu, parece ter conseguido. Ele me disse que ‘*eu não era o cara certo*’ ou algo assim, e eu nunca entendi o que aquilo significava. Parecia que minha viagem era um meio para ele conseguir algo, algo maior, e, com o poder que ele tem, só de pensar no que possa ser, já me arrepio todo. É por isso que não tenho dormido, isso me apavora! Sem falar nesses pesadelos...” “O que os pesadelos têm a ver com isso?” perguntou ela. “Outra pergunta que ainda não sei responder... São como *déjà-vus*, eu comecei a ter isso durante a viagem no tempo, quando estava no futuro.” Ele mesmo se interrompeu por causa do riso que Ana não conseguiu segurar. “Desculpe, Bruce, mas isso é absurdo demais para te ouvir falar com tanta naturalidade e não rir...” Longo suspiro de Bruce, tentando reunir paciência para continuar a falar. “São visões... Sonhos costumam ser desconexos, aleatórios, as situações e cenários mudam o tempo todo, nada é muito coerente. Mas, nestas visões, por mais aleatórias que sejam, elas são uniformes, é como se eu estivesse dentro de um filme, lembrando de algo que aconteceu comigo. Também tenho lembranças da minha viagem, e são muito intensas, eu revivo momentos, mas, sei lá, tenho a sensação às vezes que estou tendo lembranças de outras pessoas, de coisas que nunca vivi...” “Um outro futuro?” perguntou ela. “Sim, mas, isso faz ainda menos sentido que todo o resto..!” Ana coçava a cabeça, tentando levar algo do que seu marido falava a sério. “Tudo bem. E o que nossas pesquisas te fizeram descobrir até agora?” Ele se levantou e pegou um livro, era um dos itens mais preciosos de sua coleção, a versão da história dos Titãs da mitologia grega contada por Hesíodo. Além deste, ele havia adquirido outros; haviam muitas versões dos contos da antiga religião grega, o orfismo. Por conta da vasta extensão do “Mundo Grego” durante a chamada Antiguidade Clássica, os contos variavam de região para região. Havia fontes que contavam que os Titãs haviam sido presos no Tártaro, outras que haviam sido subjugados e torturados, outras que Cronos havia sido castrado por

Zeus, alguns faziam distinção entre o Titã Cronos e o deus *Chronos* e muitas mais. Naquele livro, Bruce havia guardado umas anotações soltas que fizera há algum tempo. “Olhe, eu comparei três fatores. O primeiro é o que dizem as versões da mitologia. Algumas colocam Cronos como Titã senhor do tempo, outras como um deus, o deus da colheita, que também tem relação com o tempo cronológico nas antigas culturas, mas não há nenhuma *estória* na mitologia em que algum personagem, herói, ou mesmo deus tenha viajado no tempo.” Ele se levantou e pegou um dos livros que Matt o havia emprestado sobre aplicação da física em estudos de engenharia mecânica; havia um capítulo marcado que falava sobre a relação da velocidade com o espaço-tempo. “O segundo fator é a ciência, especificamente a física. Por muitos anos, muitos cientistas desenvolveram teorias sobre a possibilidade de saltar no tempo, ou de se parar o tempo. Existem teorias mais sólidas, porém, mais conservadoras. Por exemplo, eu li uma vez sobre um organismo vivo ou orgânico que é congelado. O ciclo de vida ou conservação deste organismo é desacelerado pela baixa temperatura. Sabe quando congelamos a carne para não estragar? É *tipo* isso. Quando você expõe aquela carne de volta à temperatura ambiente, ela começa a retornar lentamente ao seu ciclo de transformação química. Mas, se você a deixou no freezer por, sei lá, duas semanas, quando você tirar, é como se, para ela, ainda fosse aquele dia em que você a colocou no freezer, o tempo passou *mais devagar* para ela; entende a lógica?” Ana olhava com cara de paisagem para ele. “Ana, eu sei que você é inteligente *pra* entender a lógica disso...” Ela olhou séria para ele agora. “Era o que eu queria, te provocar.” Ele não inibiu o sorriso ao dizer isso. “E qual é o terceiro fator?” perguntou ela, pegando o livro das mãos dele de forma brusca e o fazendo abrir mais o sorriso. “Eu e minha viagem. Eu vi muitas outras teorias, vi até as teorias dos buracos negros do Prof. Hawking. O problema é que, quando comparo com as coisas que vivi, com as ‘regras’ da viagem que fiz, todos esses livros não passam de papel. Nenhuma dessas regras e teorias da ciência se aplicam ao que eu vivi. Eu viajei pra 10 anos no futuro, passei 12 dias lá, mas, quando voltei, só haviam se passado alguns minutos

aqui. Eu trouxe todas as marcas dos 12 dias que fiquei lá, mas aqui o tempo quase não passou. Eu não consigo simplesmente deixar tudo isso *pra* lá. Eu consegui, evitei que aquele cara me matasse, consertei tudo, mas, estes pesadelos, e essa sensação...” “Que sensação?” perguntou Ana. Ele a olhou nos olhos e se sentou na cama de novo. “De que vou voltar a ver aqueles dois em breve... Ano passado não me sentia assim, não como agora...” Ana deu um longo suspiro, em seguida se levantou da cama, pegou os livros e os guardou na prateleira que ficava acima da mesa de estudos de Bruce, na mesma parede da porta de entrada do quarto, exatamente nas posições onde estavam antes. “Bem, eu te ouvi, ouvi sua história e suas explicações.” “E o que acha? Acredita em mim?” Novo olhar dela para ele. “Sinceramente, eu acredito que **você** acredita nisso, mas **eu** não consigo. Você também me falou sobre estes tais lugares de onde você conseguia se teletransportar...” “É isso!” interrompeu Bruce, a assustando. Em seguida ele levou a mão à boca e foi ver se não havia acordado Júlia. A menina dormia feito um anjo, então ele voltou. “Não tenho mais o colar para ativar os pontos instáveis...” “Por que chama desta forma?” “Foi a Maria...” “Maria sabe disso tudo?!” “Não, não a Maria *daqui*, mas a Maria *de lá*, do futuro. Aqui eu só havia contado para o Matt.” “E ele acreditou? Ah, esqueça... Matthew é tão maluco quanto você...” Me pergunto se não foi ele quem colocou isso na tua cabeça...” Ele olhou sério para ela. “Não, não foi. Como eu dizia, mesmo sem o colar, vou te levar até alguns pontos amanhã. Vou ligar para o hospital cedo e dizer que eu tive uma crise nervosa – não seria a primeira vez. Ligue para o escritório e diga o mesmo. Então vamos até estes lugares. Acho que mesmo sem as *quinquilharias* daquele velho, consigo te fazer sentir a *vibe* dos pontos instáveis... Aliás, tive uma outra ideia... Tem uma pessoa que conheci no futuro e venho acompanhando desde que voltei.” Ana olhou mais uma vez confusa para ele antes de perguntar de quem se tratava. “Uma menina, se chama Morgan Kampbell. Ela testemunhou meu assassinato na outra linha do tempo e estava lá novamente dois anos atrás, também viu o cara do colar vermelho desaparecendo. Eu não sei bem, mas me sinto ligado a ela de alguma forma...” O olhar de

ciúmes de Ana fez Bruce sorrir. “Por favor, Ana... A menina tem 18 anos... Ela estudava naquela escola em Hole Street, a Metropolitan Academy, faz estágio lá agora.” “Como sabe tanto sobre esta menina?!” perguntou ela. “Eu lhe disse, a conheci no futuro. Ironicamente, ela trabalhava para Lílian em 2028, era sua assistente, secretária, algo assim, fazia o que **você** faz agora... No futuro, depois que mamãe e eu morremos, papai se mudou para Hole Street, ficava a umas ruas da Metropolitan. Ele morava em uma casa com sótão e um jardim nos fundos. Eu fui até lá há uns meses, mas está abandonada e não consegui entrar.” Ana não deixava de ficar surpresa em o quanto a história que ela custava para acreditar tinha conexões sólidas e parecia bem elaborada demais. Bruce era um sujeito bem criativo quando precisava pensar em desculpas para sair de situações, mas pensar que aquilo tudo havia saído de sua imaginação era realmente perturbador.

“Me diga, então era por isso que você tinha tanta certeza de que seria menina?” perguntou Ana em um tom irônico, enquanto trocava os curativos da mão cortada dele; o corte foi na polpa da mão direita, tinha uns 7 cm e era razoavelmente profundo, mas o sangramento já havia parado desde antes. Já eram mais de 1h da manhã. “Sim; se lembra que ‘adivinei’ o dia exato em que Júlia nasceria? Ainda acertei que ela nasceria com seus olhos...” “Isso eu também falava...” “Você queria, eu **sabia**. E não se esqueça que acertei o tamanho e o peso dela também. Sem falar em Gabi largar a faculdade e passar em um concurso, Matt cursar engenharia, Maria começar a trabalhar na Thomas Edison...” “Matt escolheu a faculdade por influência tua...” “Não senhora, eu o incentivei a estudar, ele escolheu o curso. Ter se casado com Bruna e ter um filho que eu também sabia exatamente quando ia nascer foi coincidência também?” Ela parou por uns segundos, pensando a respeito; Bruce realmente havia “adivinhado” muitas coisas, não só sobre suas vidas e de seus próximos, mas sobre a política e outras coisas também. Ele cometeu alguns equívocos, nem tudo acontecia conforme ele dizia, o que lhe fez chegar à conclusão de que as coisas que ele mudou tiveram uma proporção maior do que ele esperava, mas seu aproveitamento em acertos era muito alto, não

dava para dizer que eram meras coincidências, Ana sabia disso. Bruce fazia questão de contar aquelas coisas a ela antes de acontecerem exatamente para o dia em que precisasse a convencer sobre tudo aquilo. Poderia estar funcionando?

§

Bruce entrou na seção de ficção da Biblioteca Pública no Centro de Clerical City e foi diretamente até o fim da terceira estante com Ana. “Se subir até a última prateleira vai ver um livro de aspecto bem antigo, pesado, capa azul escura sem nada escrito nela, com uma presilha e uma amпуlheta em alto relevo na capa.” Ela subiu as escadas e pegou o livro, descendo em seguida. “Tente abrir.” Disse Bruce, sabendo que ela não conseguiria e rindo das tentativas. “Ah! Desisto! Abra você!” disse Ana. “Não posso, não sem o colar e não antes do horário previsto.” “E que horário é este? O que acontece neste tal horário?” “Bem...” respondeu Bruce enquanto caminhava com sua esposa até as janelas. “... O horário é 05h28 da tarde, é o ‘1728’ que está naquela lista com o endereço daqui. Exatamente neste ponto haverá um único raio de sol entrando pela janela, às 05h28 em ponto. Eu coloco a marca da amпуlheta na direção do raio de sol e o colar entre os dois, a presilha vai se abrir, o livro vai estar todo em branco, na última página terá uma frase: ‘*Eis o controlador do destino de todos.*’ E pronto. O ponto instável estará ativado. Eu ativei este lugar em 2028, mas não sei no que interfere agora, se precisaria ativar novamente. Mas, como eu disse, sem o colar é impossível.” A incredulidade saltava aos olhos verdes de Ana. “Bruce, eu te amo, de todo o meu coração, mas estou ficando cada vez mais preocupada, é sério.” Bruce sorriu e lhe beijou a testa. “Certo... Tem uma razão para eu ter lhe trazido aqui primeiro.” “E qual é?” Bruce apontou para uma mesa vazia bem no centro do salão principal de leitura, por acaso era a mesma mesa que ele e Gabrielle usaram/usariam, depois devolveu o livro a ela. “Leve este livro até

aquela mesa e me espere lá, por favor; vou logo atrás de você, preciso que veja uma coisa.” Sem entender muito bem, ela apenas seguiu, mas, quando passou pela porta da seção, o livro desapareceu da mão dela, que deu um grito quando notou, tapando a boca em seguida e se desculpando com todos que olhavam para ela. Bruce, obviamente, sorria, caminhando na direção dela. “Ué, cadê o livro, Ana Thayler??” Ana não sabia o que dizer; a mão esquerda ainda estava sobre a boca enquanto ela encarava o marido com cara de espanto, ainda com a respiração presa. Uns segundos e ela esboçou dizer algo, mas Bruce se adiantou. “Vá até a mesma prateleira, está lá.” Ela foi imediatamente, voltou com a mesma cara de espanto e com o livro na mão. “Como você fez isso?!” “Fale baixo, Ana, isso é uma biblioteca, vão acabar nos expulsando... E eu não fiz nada, você viu onde eu estava, eu sequer me movi. Vamos, tente sair com ele de novo.” Pois ela tentou, e o mesmo aconteceu. Ela foi novamente até a prateleira e voltou de novo com o livro na mão, sacudindo a cabeça. “Bruce Thayler, pelo amor de Jeová, o que é isso?!” Ele não conseguia parar de rir dela. “Olhe, para ser franco, não sei exatamente porque ou como isso acontece, mas fiquei tão surpreso quanto você quando passei pela mesma coisa em 2028. É um ponto instável *em dois elementos*, como disse Matt; ele fez um escândalo bem pior que o seu quando o trouxe aqui para o convencer de que estava falando a verdade.” Ela continuava assustada, mas ainda incrédula. “Isso é um truque, tem que ser!” “Está certo, vamos a outro lugar então...”

Alguns minutos depois, chegaram até o segundo ponto, sua casa. “Bruce, o que estamos fazendo em casa?” Ele não respondeu, apenas pediu que o seguisse até o quarto de Júlia. Chegando lá, arrastou o guarda-roupas de sua filha e mostrou a ela o ladrilho mais claro com a mesma ampulheta do livro gravada em alto relevo. Novo espanto de Ana. “O que significa isto?” Bruce se abaixou, tocou o ladrilho e ele se abriu, mas não aparecia a frase. Vendo o buraco no chão, vazio, Ana perguntou por que ele havia feito um buraco no quarto da menina, e Bruce explicou a ela o que era aquilo. “Suponho que também tenha um horário...” disse Ana. “Sim, supôs bem, todos os pontos têm... 10h37, ainda falta um bom

tempo (eram pouco mais de 8h30).” “E qual é a frase daqui?” “*Morrer é a glória suprema.*” Quando Bruce disse a frase, ambos sentiram um arrepio dos pés à cabeça e se olharam, o ar ficou frio de repente, mas logo voltou ao normal. Ana ficou muito assustada agora, assim como Bruce, que se levantou. “O que foi isso, Bruce..?” perguntou Ana, se aproximando de seu marido, que pôs a mão sobre o ombro dela. “Não faço ideia, mas era desse tipo de sensação que te falei ontem, só não esperava que seria sombria assim... Tem algo errado...” “Ai, Bruce, pare com isso!” Ele conseguiu se acalmar e fez o mesmo com ela. “Bem, aqui não tem muito o que te mostrar, vamos ver outros lugares.” “Por que não me mostrou este primeiro?” “Já disse, queria fazer o *lance* do livro... Vamos logo...”

Já eram pouco mais de 9h quando chegaram até a escola Thomas Edison. Eles falaram com Maria e conseguiram passe livre pela escola. Esperaram até o primeiro intervalo dos alunos e foram até o vestiário, já bem perto das 9h37. “O que estamos fazendo em um vestiário masculino, garoto? Não estou no clima pra uma rapidinha, nem vem...” Ele sorriu. “Apenas me siga.” Às 9h37 em ponto, o raio de sol bateu sobre a ampulheta no ladrilho mais claro, no box dos chuveiros. Ana olhava muito espantada aquilo. “E então, fui eu quem vim aqui, troquei o ladrilho e quebrei a janela pra o sol refletir sobre a marca exatamente no horário?” Ana não sabia o que dizer. Aquilo era impossível para ela, mas estava começando a ficar *balançada*. “A frase daqui é...” “Tem certeza de que quer fazer isso de novo?!” interrompeu Ana. Ele respirou fundo. “*Apenas o tempo revela o homem justo.*” Ana apertou os olhos e segurou as mãos de Bruce, que também ficou apreensivo, mas nada aconteceu desta vez. “Ué, sem vento frio desta vez?” disse Ana. Bruce parecia confuso. “É... imaginei que algo fosse acontecer, por termos vindo no horário correto... Este foi o segundo ponto instável que descobri, Maria estava comigo...” “O que ela fazia no vestiário com você?!” Bruce sorriu. “Você está cismada hoje, hein... Eu sabia que tinha algo aqui, mesmo sem saber o que era, encontrei com o velho e ele me disse pra voltar e quando voltar;